

Notas etnográficas sobre um campeonato de futebol 7 misto na cidade de Curitiba¹

Maria Thereza Oliveira Souza (UFPR)

Fabiana Della Giustina dos Reis (UFPR)

André Mendes Capraro (UFPR)

Palavras-chave: gênero; futebol, observação participante.

O jogo está prestes a começar. Os atletas se aglomeram no meio do campo e fazem a tradicional rodinha para orações e motivação da equipe antes das partidas. Vozes incisivas se somam num conjunto de “raça”, “é para ir pra cima”, “sem medo”, “tem que acompanhar até o fim”, “vamos time”. Tudo comum, como mais um jogo de futebol 7 amador, mas há uma clara novidade: fazem parte dessa roda homens e mulheres (CADERNO DE CAMPO).

A ocasião é um campeonato misto organizado por alguns promotores de eventos esportivos da cidade de Curitiba. Esse campeonato conta com sete equipes da cidade e região metropolitana. Pode-se dizer que isso só foi possibilitado pelo crescente número de mulheres praticantes da modalidade, pois, os campos de atuação no futebol, apesar de terem sido historicamente protagonizados por homens, têm se aberto de forma gradativa para as mulheres. Tratar desse assunto no Brasil é sempre um dilema sobre “olhar o copo meio cheio ou meio vazio”, pois o processo de inserção feminina nessa área é um trajeto cheio de curvas que ora parecem levar a um crescimento e ora a uma estagnação ou retrocesso.

No universo de práticas informais e amadoras os homens ainda representam grande maioria, já que dados do IBGE (2015) demonstraram que 94,5% dos praticantes dessa modalidade no país são do sexo masculino². Apesar disso, se por muito tempo os discursos sociais moralizantes mantiveram as mulheres afastadas desse esporte, é cada vez mais comum encontrar grupos de amigas ou de colegas de trabalho e faculdade praticando algum tipo de modalidade relacionada ao futebol, seja de forma competitiva ou com fins de

¹ “Trabalho apresentado na 32ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro de 2020.

² No âmbito formal e profissional do futebol de campo, modalidade mais difundida e também estudada academicamente, as dificuldades de inserção feminina já são bastante conhecidas (GOELLNER, 2005a; SOUZA; CAPRARO, 2017), entretanto, é possível perceber que existem movimentos de mudança para uma participação mais efetiva delas nesse cenário, como a elaboração, no ano de 2013, de um modelo mais estendido e competitivo do Campeonato Brasileiro de Futebol (de campo), que hoje conta com duas séries com 16 times cada, e o estabelecimento de lei que torna obrigatória a manutenção de equipe feminina para aqueles clubes que desejam participar dos campeonatos (masculinos) organizados tanto pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF) quanto pela *Confederación Sudamericana de Fútbol* (CONMEBOL).

lazer. Cabe destacar que os dados publicados por esse órgão agrupam em um mesmo bloco as seguintes modalidades de futebol: campo, *society*, areia, futsal, salão, americano e outro, e o foco específico de investigação da presente pesquisa é o futebol 7 (ou futebol *society*).

O futebol 7 é uma modalidade disputada em campo de grama sintética, com sete atletas em cada time. As regras são similares ao futebol de campo, com algumas particularidades, como o escanteio cobrado com as mãos, a ausência de impedimento, o tempo reduzido (dois períodos de 25 minutos) e a penalização por faltas acima do limite de 5 em cada tempo por equipe – nesse caso, há a cobrança de um *shoot out*³ pela equipe adversária. Tal esporte vem ganhando força no Brasil e seu campo parece se abrir para uma participação efetiva feminina.

Retomando ao contexto específico da cidade de Curitiba, percebe-se um número significativo de times femininos formados para a disputa dos campeonatos na cidade. Por exemplo, a Taça Curitiba 2019 – realizada pelas mesmas empresas que têm organizado os campeonatos nacionais e internacionais, e gerido as seleções brasileiras feminina e masculina da modalidade – reuniu 16 equipes, as quais foram divididas em séries A e B (oito em cada).

Como afirmado, essa inserção significativa permitiu a realização do campeonato misto. Entende-se, então, esse evento como um campo de peculiares relações de gênero no esporte e, por isso, a presente pesquisa visou investigá-las por meio da observação participante, durante as atividades competitivas da edição de 2019⁴.

Aspectos metodológicos

O campeonato de futebol misto estudado tem suas rodadas realizadas, geralmente, às sextas-feiras à noite. Como afirmado anteriormente, esse conta com sete equipes, o que faz com que sempre uma delas “folgue” na rodada e esta seja realizada com três jogos na noite. A regra que o diferencia e o particulariza em relação às regras oficiais do futebol 7 é que os times devem ter sempre ao menos três mulheres de linha em quadra, sendo que há liberdade para se escolher homem ou mulher para a posição de goleiro(a). A pesquisa se

³ O executor da jogada tem direito a posse de bola saindo de linha demarcada pouco a frente ao meio de campo. O goleiro deve permanecer na linha sob sua baliza até o executor tocar na bola. O executor pode se movimentar livremente pelo campo de jogo em direção à baliza adversária. Enquanto isso, os demais atletas dos dois times podem também correr para participar da jogada, entretanto, saem de linha anterior, para dar vantagem ao executor da penalidade.

⁴ A primeira edição foi realizada no ano de 2018.

originou do fato de a própria autora estar envolvida como atleta em uma das equipes, ou seja, se caracteriza por existir uma experiência de observação participante a partir de pressupostos metodológicos de cunho etnográfico.

Segundo Pires (2007, p. 254), “[...] a observação participante é o método por excelência da antropologia”. Ela se caracteriza por uma imersão no ambiente de pesquisa e a produção de um caderno de campo com anotações e observações do pesquisador sobre as relações sociais e os acontecimentos diários. Sua existência visa aproximar as experiências dos pesquisadores com os sujeitos pesquisados, para que o campo seja mais facilmente assimilado e interpretado. Para Clifford Geertz (2007, p. 14), “[...] na medida em que reforçou o impulso do antropólogo em engajar-se com seus informantes como pessoas ao invés de objetos, a noção de ‘observação participante’ foi uma noção valiosa”. Torna-se imperativo mencionar que as informações acima relacionadas à antropologia são aqui emprestadas para o campo de pesquisas da Educação Física e dos esportes, o qual se caracteriza por ser multidisciplinar e por se apropriar de pressupostos e conceitos de várias ciências, sejam humanas ou biológicas.

Sabe-se que esse tipo de estudo antropológico teve suas raízes e tradição ligadas ao universo colonial, ou seja, pesquisadores ocidentais indo a campo para entender sociedades colonizadas, principalmente na África. Entretanto, as áreas de atuação se ampliaram gradativamente no decorrer do século XX:

Apesar de essa observação participante ter tido sua forma mais consolidada na investigação etnológica, junto a populações ágrafas e de pequena escala, tal não significa que ela não ocorra no exercício da pesquisa com segmentos urbanos ou rurais da sociedade a que pertence o próprio antropólogo (OLIVEIRA, 1996, p. 30).

Nesse sentido, intenta-se, por meio dessa tendência da pesquisa de campo etnográfica, estudar grupos sociais em sua própria sociedade de convívio, “estranhar o familiar” (COSTA, 2009, p. 752) e trazer à tona interpretações das relações sociais que se manifestam em grupos a partir de uma visão mais interiorizada. Há, no particular a essa pesquisa, uma aproximação ainda maior com o campo e os sujeitos investigados, tendo em vista que a pesquisadora não decidiu pesquisar uma temática e posteriormente se ambientar a ela por meio de uma assimilação ao grupo. O processo se deu de forma inversa: já dentro do campo e parcialmente assimilada ao grupo (parcialmente porque o contato mais direto e próximo se dá com apenas uma das equipes), iniciou-se a investigação.

As observações aconteceram então durante o período de realização do campeonato. Nos dias em que minha equipe jogava eu fazia observações posteriores no caderno de campo e nos dias em que não havia jogos em que eu participaria, fui ao local para observar o andamento das demais partidas. Além disso, aspectos da interação das equipes nos períodos antecedentes e posteriores aos jogos também foram observados, com especial atenção para o fato de que alguns integrantes da minha equipe sabiam que minha presença ali acontecia também com interesses para além da competição em si. Vale salientar que se tomou o cuidado ético de manutenção do anonimato de todos os sujeitos e instituições observados e citados durante a pesquisa e a escrita desse texto, para tanto, quando necessário para contextualização de falas, nomes fictícios foram utilizados.

Novas interpretações: as relações de gênero no esporte para além de uma estrutura hierarquizante

Estudos acerca das relações de gênero no esporte aconteceram em um primeiro momento (em linhas gerais) no sentido de denunciar as mazelas ocasionadas pelos enquadramentos sociais desse fenômeno, principalmente no que tange a dificuldade de inserção e reconhecimento das mulheres, seja no âmbito profissional ou informal (GOELLNER, 2005; ADELMAN, 2006; SOUZA, KNIJNIK, 2007). Entretanto, por meio da observação desse campeonato misto na cidade de Curitiba foi possível perceber uma série de outros fatores que, interligados, constroem um panorama significativamente, diferente daquele que já foi exaustiva (e necessariamente) trabalhado. Objetiva-se aqui mostrar, sim, as claras tensões existentes em um ambiente generificado, mas, também, as diversas formas não pejorativas, não preconceituosas e não “machistas” que têm recentemente adentrado alguns modelos de relações sociais no esporte.

O primeiro fator necessário de ser apontado é que parece haver dentro dos times uma “ordem” estabelecida para que os homens “peguem leve” nas cobranças em relação ao desempenho das mulheres de seus próprios times. Durante os jogos observados, foi possível perceber que após falhas cometidas por uma delas, os homens tentavam reter para si o desapontamento e até a vontade de soltar alguns palavrões (que ora ou outra saíam espontaneamente de forma discreta). Após um desses jogos, um atleta do time do qual faço parte salientou possíveis motivos para esse retraimento: “[...] a diferença do feminino e do masculino é isso. Para os homens eu posso falar o que quiser. Não leva para o pessoal”. Ou

seja, há aqui uma alusão a uma característica menos emocional do sexo masculino, tendo em vista que para os homens era possível xingar dentro do campo de jogo sem que houvesse ressentimentos posteriores. A ideia geral nesse caso retoma um dos clássicos dualismos encontrados nos enquadramentos sociais de gênero: a razão *versus* a emoção (HARDING, 1993).

Por outro lado, há uma seriedade perceptível em relação aos resultados da disputa. Ninguém “tirava o pé” e as divididas acontecem de forma contundente. Há, inclusive, tendo em conta o intenso contato físico visando a posse de bola, mais um aspecto que denuncia as particularidades dessa configuração⁵: as mulheres chegam de forma bastante forte e faltosa nos homens, de uma maneira que dificilmente fazem com outras atletas mulheres e os árbitros se demonstram mais coniventes com esses lances. Em dada oportunidade, um homem ficou “brincando” com a bola frente à marcação de uma mulher. Ele corria de um lado para o outro, lhe dando dribles de certa forma “desnecessários”, pois não ocorriam em direção ao gol. Ela ficou bastante irritada com a atitude e tentou lhe fazer diversas faltas, das quais ele escapava por ser bastante ágil. O árbitro nada marcou e não repreendeu a atleta. Essa diferença de avaliação das condutas também se mostrou presente em outro momento nessa mesma partida: o árbitro aproximou-se de mim (estava acompanhando o jogo como observação para a pesquisa) e me questionou se a falta que ele havia acabado de marcar (duas meninas derrubaram um homem) tinha sido realmente uma infração, falei que sim e comentei que elas batiam mais do que os homens, ele respondeu: “– Com certeza! A Mila é a mais ‘catimbeira’, meu Deus!”. Entende-se que ele se sente em uma posição mais desconfortável ao apitar jogos que provocam enfrentamentos entre indivíduos de sexos opostos, tendo em vista a força atual dos debates e discussões acerca do machismo e da necessidade de se encontrar uma igualdade de condições para as mulheres no esporte, o que faz com que muitas vezes se penda para um discurso excessivamente protetivo.

Quando a situação se inverte, ou seja, quando um homem comete uma infração contra uma mulher, as reclamações se demonstram muito mais acintosas. Em um desses

⁵ Utiliza-se aqui o conceito de configuração criado por Norbert Elias. Por meio dele o autor preocupa-se em demonstrar que as estruturas sociais não são rígidas e desumanizadas. Ele salienta a importância de se pensar indivíduos e sociedades como “níveis diferentes, mas inseparáveis do mundo humano”. Dessa forma, configuração pode ser entendida então como um “padrão mutável” construído pelos indivíduos em suas relações interpessoais e com as instituições sociais, e como um “entrelaçamento flexível de tensões”, no qual o poder se encontra em um “equilíbrio flutuante”, que ora pende para um lado e ora para o outro. Além disso, entende-se que as relações dentro dessas configurações são de interdependência entre os indivíduos (ELIAS, 1999, p. 140-145).

momentos, uma torcedora que estava acompanhando o jogo ao meu lado, dirigiu-se a mim e vociferou: “– Você viu como o cara chegou na guria? [sinal de cotovelada e expressão de assustada]. Oha!” Logicamente que aqui há uma defensoria em relação às diferenças biológicas que provocam uma série de favorecimentos físicos aos homens no caso do futebol: eles são mais altos, mais pesados, mais fortes e mais rápidos. A soma dessas características e capacidades físicas faz com que algumas disputas pareçam injustas e é nesse sentido que existem as reclamações e diferenças de julgamentos em relação aos seus atos nos embates físicos. Isso provoca divergências de opiniões entre os próprios atletas homens. Após um dia de observação de campo, dois deles que jogam em minha equipe estavam comentando sobre a lógica das disputas e um deles falou: “– Eu falo para os meninos não afrouxarem na marcação das meninas”. Seu amigo respondeu: “– Mas não adianta, eu não vou bater, de jeito nenhum”. Já dentro do campo de jogo, em disputa entre outras equipes, um atleta finalizou em direção ao gol e a bola bateu em uma mulher do seu time, ele lhe pediu desculpas, apesar de ter sido ela a ter impedido o gol de sua própria equipe por uma movimentação errada.

Nesse ponto pode-se retomar a clássica obra de Raewyn Connell sobre as masculinidades, que seriam lugares ocupados nas relações de gênero, bem como as práticas por meio das quais homens ou mulheres ocupam esses lugares e os efeitos dessas práticas nas experiências corporais, pessoais e culturais dos sujeitos (CONNELL, 2005, p. 71). Tal aproximação é feita pois percebe-se que há no diálogo, nas reclamações relacionadas aos comportamentos dos homens durante os jogos, e nos cuidados tomados pelos homens no tratamento às mulheres, aspectos do que se espera do ser masculino nessa relação: ao mesmo tempo em que se demonstra que deve haver um cuidado para que não se machuque as mulheres durante os jogos, pelas evidentes diferenças físicas, há também um limiar para não “perder” a disputa, ou seja, o fato de se sobressair, mas de fato “respeitar” as atletas se constitui como uma característica masculina valorizada nessa configuração – aqui o ideal não se constrói por meio apenas de uma superioridade física.

Pois bem, negar as diferenças físicas que permeiam essas relações seria incorreto, tendo em vista que elas são evidentes, ao ponto de a todo momento trazerem novas atitudes para dentro do campo de jogo: uma menina se recusou a permanecer na barreira para uma falta que seria cobrada por um homem do time adversário; na maior parte do tempo constroem-se as ações do jogo com mulheres marcando mulheres e homens marcando homens, tanto que em algumas situações em determinado jogo, um homem vinha para sua

área defensiva e pedia para que a mulher que estava fazendo a marcação ali fosse ocupar outro espaço, pois o centroavante adversário havia ali se postado e havia a necessidade que alguém com as mesmas capacidades físicas pudesse marcá-lo; apesar de ser opcional o sexo do atleta responsável por proteger a baliza, todos os jogos observados tinham um goleiro na meta; e, dificilmente as mulheres conseguem fazer gols em finalizações de fora da área, pois os goleiros são mais altos e ágeis do que as goleiras que elas estão acostumadas a enfrentar, o que faz com que elas tenham que mudar seus estilos de jogo, pois a força de chute que elas conseguem empregar quase sempre não é suficiente para vencer o defensor adversário.

O que se torna instigante é que, apesar dessas evidentes diferenças, parece haver um respeito mútuo pelas opiniões expostas em campo. Após os jogos é facilmente perceptível rodinhas com grupos de atletas homens e mulheres debatendo os lances e rindo de atitudes tanto deles quanto delas. As relações de poder são aqui estabelecidas mais pela experiência em quadra do que propriamente pelo sexo dos sujeitos, o que, de certa forma, contraria a hierarquização que daria privilégios aos homens na construção clássica que se fez ao se conceituar gênero (SCOTT, 1995). Percebeu-se isso em momentos de conversas para arrumar posicionamentos e aspectos táticos e técnicos da equipe, já que há algumas mulheres mais “legitimadas” a darem suas opiniões – aquelas com longa trajetória em equipes amadoras antigas da cidade e reconhecidas por sua capacidade técnica em campo ao passo em que são também as titulares das equipes mistas.

Retoma-se aqui a tentativa de olhar para as relações sociais nesse ambiente e não necessariamente hierarquizá-las, como se o poder fluísse rigidamente apenas em uma única e evidente direção. É necessário tomá-lo como um feixe de relações, como insistentemente orientou Michel Foucault (2017). Nesse sentido, Francine Deutsch (2007) chamou a atenção para a necessidade de um olhar mais amplo e menos político nas pesquisas voltadas às relações de gênero. Para essa autora, a grande maioria dos estudos nessa temática foca nas diferenças e problemas que persistem, enquanto seria necessário e mais interessante uma abordagem que privilegiasse as interações de gênero (nem sempre desiguais ou degradantes) que ocorrem nas diferentes áreas de análise e também que se atentasse às mudanças ocorridas no decorrer do tempo e segundo o contexto analisado. Torna-se necessário perceber quando e como as interações sociais se tornam menos generificadas, possíveis condições em que categorias de gênero são irrelevantes, se todas as interações de gênero reforçam a desigualdade, e, como as estruturas institucionais e os

próprios níveis interacionais podem juntos produzir mudanças. Resumidamente, Deutsch argumenta que, justamente focar no nível da interação pode ser um caminho profícuo para se buscar mudanças, ao invés de apenas persistir no reforço e na denúncia das desigualdades, o que ela denominou como *undoing gender*⁶.

Nesse sentido, ao atentar para possíveis momentos em que as categorias de gênero são irrelevantes, pode-se pensar no caso das “zoações” dentro do grupo. Elas recaem tanto sobre homens quanto sobre mulheres e dependem do desempenho esportivo. Isso foi perceptível pelo fato de uma centroavante ter perdido muitos gols “fáceis” em uma partida e depois passar dias e dias tendo que responder a provocações tanto no grupo do aplicativo de conversas online *Whatsapp*, quanto pessoalmente antes dos jogos da equipe (assim como acontece quando homens tem erros grosseiros). Tal fato é também costumeiro tanto quando se observam times exclusivos de mulheres quanto exclusivos de homens, ou seja, as importunações ocorrem sem se levar em consideração o sexo de quem se fala, sem fazer qualquer tentativa de diminuí-la por ela ser mulher e sem estender os seus erros para uma categoria mais ampla do que seria “a mulher jogando futebol”.

Outro aspecto bastante notável durante as interações em campo foi que os atletas (tanto homens quanto mulheres) do meu próprio time tentavam, a todo momento, mostrar-me que essa equipe era diferenciada no que tange as relações de gênero nesse contexto. Como eles ficavam assistindo a outros jogos, sempre que possível comentavam comigo algo do tipo: “– No nosso time é diferente. Os homens procuram as mulheres para tocar. Nos outros times eles ficam se procurando [homens]”. Isso ocorreu enquanto eu ainda não havia atuado no campeonato, mas apenas treinado duas ou três vezes com eles. Em outro momento, um atleta falou: “– A Fernandinha é nossa artilheira”. Ou seja, atentando para o fato de que uma mulher do time é a/o atleta com o maior número de gols no campeonato, ele de certa forma legitima os comentários referentes à democratização do espaço de jogo, pois isso significaria que ela recebe a bola de seus companheiros, constantemente, em condições de finalização.

⁶ “Desfazendo gênero”. Tal termo surgiu de uma tentativa da autora de “consertar” a utilização errada que vinha sendo feita dos pressupostos defendidos no artigo *doing gender* (“fazendo gênero”), de Candace West e Don Zimmerman (1987). Com essa publicação, tais autores se tornaram referência na área após justamente defenderem que o gênero deveria ser tratado como algo construído e modificado diariamente nas relações sociais e não como regras estruturais fixas a serem seguidas por homens e mulheres. Entretanto, Deutsch percebeu que pesquisadores posteriores estavam utilizando esse conceito de forma erroneamente oposta, ou seja, continuavam com caráter de simples denúncia das desigualdades, o que a levou a propor a troca de *doing* por *undoing*.

Fazer parte do campo e pesquisar o campo

Há uma grande euforia em relação à realização desse campeonato. Os atletas parecem, inclusive, valorizar mais um possível título nessas condições do que em suas próprias categorias de times femininos ou masculinos. Em relação a mim, houve uma grande expectativa para que eu entrasse logo em quadra para representar as cores da equipe. Todos queriam que eu sentisse como aquela experiência era “bacana”. Isso porque durante a primeira etapa da pesquisa passei apenas do lado de fora, observando e fazendo anotações sobre os jogos das outras equipes e sobre os comportamentos do grupo do qual fazia parte. Dessa forma, havia constantes questionamentos: “– o que você está estudando?”. “– Quais são suas observações?”. “– Você vai vir jogar, né?”. “– Você vai me entrevistar?”. Além disso, como citado anteriormente, os atletas da equipe tentavam constantemente me relatar como era o ambiente em quadra e atuavam por meio de discursos para me convencer sobre a forma igualitária como ocorriam as ações dentro de campo, o que remete ao praticamente consensual alerta de que “[...] a presença do pesquisador introduz artificialidade ao contexto pesquisado, o que, embora não seja possível evitar, deve ser assinalado (PIRES, 2007, p. 230).

Já dentro de quadra as coisas me pareceram um pouco diferentes do que me foi relatado, pois houve vários momentos em que a bola não foi tocada para uma mulher em melhores condições de recebê-la, sendo que nesses casos foram constantes as reações delas para reequilibrar a balança de poder, cobrando veementemente uma mudança de atitude dos companheiros. O jogo, que ocorreu entre os dois líderes da tabela, na maior parte do tempo, ficou centrado nas figuras masculinas, acredito que justamente por ser de muito equilíbrio técnico, o que se tornou uma experiência um pouco estranha, tendo em vista que em jogos entre mulheres tenho participação constante e efetiva. A minha estreia no campeonato também se deu de forma conflituosa, principalmente por uma falta recebida: ao tentar proteger sua posse de bola quando eu o estava “perseguido”, um homem acertou a mão no meu rosto de forma desproposita, mas bastante forte. Isso causou grande movimentação em quadra e cobranças e xingamentos tanto da torcida como dos demais atletas de minha equipe ao atleta adversário. Percebeu-se aqui mais uma vez como há um caráter de proteção para as mulheres dentro do campo de jogo e como os homens têm que constantemente se policiar em relação às condutas “naturais” de seu estilo de jogar, mas que nessa configuração específica recebem conotação muito mais negativa.

Para além disso, as habilidades técnicas demonstradas por mulheres nesse espaço ganham ainda mais notoriedade e a sensação de se jogar torna-se prazerosa. Como exemplo: em dado momento no jogo, eu recuperei a bola no campo de ataque, e finalizei com uma “cavadinha”⁷ de forma a encobrir o goleiro – a bola passou rente à trave e esse lance foi insistentemente lembrado após a partida por meus companheiros de equipe e pessoas que estavam acompanhando a partida. Todos trataram como um “pecado” que a bola não tivesse entrado e inclusive chamaram o goleiro adversário para que ele desse sua opinião sobre o lance. Há nesse caso uma clara valorização dessa ocupação de um cenário historicamente visto como masculino e potencialmente construtor de masculinidades (MESSNER, 1989), ainda mais porque já foi identificado que no Brasil há uma forte vinculação do futebol a uma masculinidade hegemônica e uma grande dificuldade de inserção das mulheres (KNIJNIK, 2015), ou seja, um feito de mulheres nesse contexto é considerado incomum e, por isso, mais valorizado.

Considerações Finais

O estudo desse cenário um tanto incomum dentro do campo esportivo apresentou indícios de uma diminuição do caráter hierarquizante nas relações de gênero. Logicamente que, aqui, tratou-se do esporte amador, no qual não há interesses profissionais ou econômicos envolvidos, o que torna os resultados das disputas menos relevantes do que quando se há algo mais em jogo. Dessa forma, não se buscou aqui negar quaisquer barreiras e dificuldades enfrentadas pelas mulheres na inserção em ambientes tidos como de dominância masculina, mas procurou-se demonstrar que nem sempre há a necessidade de denúncia das desigualdades, atentando justamente para as relações existentes em cada contexto e tempo específicos.

Nessa configuração foi possível perceber que mulheres e homens têm liberdade para cobrar e dar instruções para a equipe de forma equilibrada, e que os fatores que determinam aqueles que são mais respeitados são a capacidade técnica, o perfil pessoal (de líder) e a experiência, muito mais do que o sexo. Além disso, as “zoações” e importunações, muito comuns ao ambiente esportivo, principalmente quando se trata de modalidades coletivas, também aconteceram em igual teor para homens ou mulheres,

⁷ Ato de bater na parte da bola mais rente ao solo, com o bico da chuteira, e fazer com que ela ganhe trajetória de parábola no ar.

sendo que quando houve cobranças cômicas em relação ao desempenho dessas, em nenhum momento foi possível perceber uma extensão para a categoria feminina de um modo geral pelo erro de uma atleta. Nesse aspecto retoma-se a clássica afirmação de Joan Scott: “A igualdade é um princípio absoluto e uma prática historicamente contingente. Não é a ausência ou a eliminação da diferença, mas sim o reconhecimento da diferença e a decisão de ignorá-la ou de levá-la em consideração” (SCOTT, 2005, p. 15).

Cabe salientar que afora essas percepções, foi evidente que as diferenças físicas entre os atletas causaram uma série de problemas durante a competição, tendo em vista que as faltas cometidas pelas mulheres eram vistas de forma mais branda enquanto algumas infrações dos homens contra as mulheres eram tidas como atos de covardia e então eram veementemente coibidas. Nesse sentido, concluiu-se que o ideal de masculinidade nesse contexto estava amparado sim na sobreposição física sobre os demais atletas e em todas as características que a constroem por meio de habilidades esportivas, mas também pelo trato polido com as mulheres participantes desse cenário.

Além disso, é possível afirmar que as mulheres se sentem recompensadas nessa configuração, tendo em vista que seus feitos são aqui ainda mais valorizados que em disputas exclusivamente femininas, o que torna esse espaço prazeroso e não opressor ou causador de sentimento de inferioridade. Por fim, é necessário afirmar que se entende as limitações da presente pesquisa pela difícil combinação de se pesquisar um ambiente no qual se está amplamente inserido, mas que por essa mesma razão tornou-se imperativo assumir as interferências que essa imersão trouxe e tratar o estudo tanto como uma descrição etnográfica de um cenário de peculiares relações de gênero quanto como um relato de experiência.

REFERÊNCIAS

- ADELMAN, Miriam. Mulheres no esporte: corporalidades e subjetividades. **Movimento**, v.12, n. 01, Porto Alegre, p. 11-29, jan./abr. 2006.
- CONNELL, Raewyn. **Masculinities**. 2 ed. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 2005.
- COSTA, Antonio Maurício Dias da. Pesquisas antropológicas urbanas no “paraíso dos naturalistas”. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 52, n. 2, 2009.

DEUTSCH, Francine. Undoing gender. **Gender & Society**, v. 21, n. 1, p. 106-127, fev. 2007.

ELIAS, Norbert. **Introdução à Sociologia**. Lisboa, Edições 70, 1999, pp. 141-142.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. 1 ed. Reimpressão. Rio de Janeiro: LTC, 2017.

GOELLNER, Silvana. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. **Pensar a Prática**, Goiás, v. 8, n. 1, p. 85-100, jan./jun. 2005.

_____. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista Brasileira de Educação Física e Esportes**, v. 19, n. 2, p. 143-151, abr./jun. 2005a.

HARDING, Sandra. A instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista. **Estudos feministas**, v. 1, n. 1, p. 7-31, 1993.

IBGE. 17 maio 2017. **Falta de tempo e de interesse são os principais motivos para não se praticar esportes no Brasil**. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/15128-falta-de-tempo-e-de-interesse-sao-os-principais-motivos-para-nao-se-praticar-esportes-no-brasil>>. Acesso em: 06 maio 2019.

KNIJNIK, Jorge. Femininities and Masculinities in Brazilian Women's Football: Resistance and Compliance. **Journal of International Women's Studies**, v. 16, n. 3, jul. 2015.

MESSNER, Michael. Masculinities and athletic careers. **Gender & Society**, v. 3, n. 1, p. 71-88, mar. 1989.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 39, n. 1, 1996.

PIRES, Flávia. Ser adulta e pesquisar crianças: explorando possibilidades metodológicas na pesquisa antropológica. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 50, n. 01, p. 225-270, 2007.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.

_____. O enigma da igualdade. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 13, n. 1, p. 11-30, jan./abr. 2005.

SOUZA, Maria Thereza Oliveira; CAPRARO, André Mendes; SILVA, Marcelo Moraes e. Habilidosas e bonitas: as considerações de duas atletas de futebol sobre a formação de suas identidades. **Movimento**, v. 23, n. 3., p. 883-894, jul./set. 2017.

SOUZA, Juliana Sturmer Soares; KNIJNIK, Jorge Dorfman. A mulher invisível: gênero e esporte em um dos maiores jornais diários do Brasil. **Revista Brasileira de Educação Física e Esportes**, São Paulo, v.21, n.1, p. 35-48, jan./mar. 2007.

WEST, Candace; ZIMMERMAN, Don. Doing Gender. **Gender & Society**, v. 1, n. 2, p. 125-151, jun. 1987.